

"A Transformação da Era Clássica"

Resumo descritivo - (Parte V - págs. 91-109)

Do livro: A Epopéia do Pensamento Ocidental - de Richard Tarnas

Por Samara Elizabeth

De alguma forma as características que serviram à evolução da Grécia contribuíram também, para sua queda pois os gregos mostraram-se despreparados para a ameaça que vinha da Macedônia. Assim, no auge das realizações intelectuais gregas, Alexandre Magno atravessou a Grécia em direção à Pérsia, conquistando povos e terras e formando um vasto império. Mas felizmente, por ter sido orientado por Aristóteles quando jovem e inspirado pelos épicos homéricos e ideais gregos, Alexandre levou toda a cultura grega para os povos conquistados, disseminando-a.

Por ironia, a Grécia tornou-se conhecida justamente com sua queda, quando foi subjugada.

Alexandre planejou para que as grandes cidades cosmopolitas de seu império - Alexandria, principalmente - fossem verdadeiros centros de aprendizado, onde a cultura grega sobreviveria em bibliotecas e academias, realizando uma verdadeira fusão cultural em massa. Com sua morte, o império não se manteve unido e logo Roma emergiria como novo império.

A cultura grega, entretanto, continuou dominando, sendo rapidamente absorvida pelos romanos. E nas mais diversas áreas foi possível observar sua força: Filosofia, Literatura, Ciência, Arte e Educação, o que pode ser representado pela frase de Horácio: " cativos, os gregos cativaram os vencedores."

As Contracorrentes da Matriz

Helenística

Declínio e Preservação do Pensamento

Grego

Foi porque o mundo helênico estendeu-se do Mediterrâneo ocidental ao centro da Ásia que o indivíduo reflexivo, o filósofo, expôs-se a uma diversidade de pontos de vista muito grande, sendo difícil resistir ao impacto de tantas forças novas.

As mudanças - principalmente sociais e políticas - abalaram a força cultural da Grécia. E cada vez mais, parecia o destino ser determinado por grandes forças impessoais e não mais pela vontade individual, resultando numa sensação de "perda de rumo".

A Filosofia tentou solucionar essas mudanças. E como o impulso filosófico vinha mais pela necessidade de oferecer aos seres humanos algum sistema de crenças estável e paz interior diante de um ambiente hostil e caótico, o resultado foi o surgimento de

filosofias inclinadas ao fatalismo, onde a principal opção, ou a melhor, era livrar-se do mundo e das próprias paixões - livrando-se, portanto, da frustração de não conseguir realizar as ânsias e os desejos.

Entretanto, o estoicismo (Atenas, início do séc. III a.C. por Zeno de Cítia) teve uma influência especial no mundo romano de Cícero, Sêneca, Epicteto e Marco Aurélio. Para os estóicos, o homem só poderia obter a legítima felicidade harmonizando sua vida e sua personalidade com a providencial sabedoria, o Logos. " Ser livre, era viver em conformidade com a vontade de Deus", onde o importante era o estado virtuoso da alma e não as circunstâncias da vida exterior. O estoicismo era uma elaboração em maior grau de elementos da filosofia socrática e heraclitiana.

Já o epicurismo - que também se manteve no novo período helenístico - reafirmava o valor primordial do prazer humano, definido como liberdade em relação à dor e ao medo - era a busca do prazer a todo custo. Dizia que para se atingir a felicidade nesta vida, bastava retirar-se do mundo dos afazeres para cultivar uma tranqüila existência de simples prazer na companhia de amigos. O sistema epicurista baseava-se no atomismo de Demócrito, onde partículas materiais formavam a substância do mundo e também da alma humana.

Havia ainda uma terceira reflexão mais radical dessa mudança intelectual: o ceticismo sistemático. Representado por pensadores como Pirro de Élis e Sextus Empiricus - para quem nenhum tipo de verdade poderia ser considerada certa e a única postura filosófica adequada era a completa suspensão de qualquer julgamento. Se as pessoas conseguissem interromper o julgamento, admitindo que suas crenças sobre a realidade não eram necessariamente válidas, obteriam a paz da mente.

Mas, no novo meio cultural o pensador sentia-se muitas vezes desprovido de uma boa motivação: as diversas filosofias não satisfaziam inteiramente o espírito helenista; a Ciência tornou-se também mais racionalista, não almejando compreender o divino. O racionalismo das filosofias dominantes deixava certa fome espiritual e as exigências emocionais e religiosas da cultura foram correspondidas pelas inúmeras religiões de mistério - gregas, egípcias, orientais.

Contudo, a era helenista foi rica, tendo a seu crédito inúmeras realizações culturais notáveis como a preservação dos clássicos, de Homero a Aristóteles - fundando então a erudição humanista. Desenvolveram-se as novas disciplinas de crítica literária e textual, foram produzidas análises e comentários interpretativos, grandes obras eram apresentadas de maneira clara e organizada, para serem reverenciadas pelas gerações futuras.

A educação também foi sistematizada, estabelecendo-se grandes instituições acadêmicas para pesquisa e estudos profundos: Em Alexandria - museu ; Em Pérgamo - biblioteca e em Atenas - academias filosóficas. Existiam sistemas de educação pública em quase todas as cidades helênicas, além de ginásios e teatros e a possibilidade de instrução avançada em filosofia, literatura e retórica grega. A antiga realização helênica foi escolasticamente consolidada, estendendo-se geograficamente e sustentando-se pelo restante da era clássica.

A Astronomia

As contribuições mais originais do período helenístico deram-se principalmente na área de Ciências Naturais. Estudiosos como Euclides, Apolônio, Arquimedes, Hiparco, Estrabão, Galeno e Ptolomeu produziram codificações e avanços científicos inimagináveis. A criação e desenvolvimento da Astronomia matemática, por sua vez, teve conseqüências especiais. O problema dos planetas encontrara sua primeira solução. Entretanto, não se explicavam as variações de luminosidade quando os planetas faziam o movimento de retração, e esta falha teórica fez com que matemáticos e astrônomos passassem a investigar outros modelos de sistemas geométricos. Poucos, como os pitagóricos, propuseram a idéia de que a Terra se movia:

* Heráclides propôs que a Terra estava em rotação sobre seu eixo e que Mercúrio e Vênus sempre apareciam próximos ao Sol porque giravam à sua volta e não em volta da Terra.

* Aristarco foi mais longe e propôs que a Terra e todos os planetas giravam em torno do Sol. Mas esses modelos foram rejeitados por plausíveis razões matemáticas e físicas.

Além do que, a Terra em movimento quebraria toda a coerência da cosmogonia aristotélica. Para Aristóteles, os corpos em queda moviam-se em direção à Terra porque ela era o centro fixo do Universo. Se a Terra se movesse, essa explicação teria alguma falha sem que houvesse outra teoria para substituí-la.

Com base nessas considerações, a maioria dos astrônomos optou pelo Universo centrado na Terra e pelo prosseguimento de pesquisas com diversos modelos geométricos para explicar as posições planetárias. Resultando na teoria de Ptolomeu (séc. II) que serviu aos astrônomos desde aquela época até o Renascimento. A dificuldade essencial permanecia como antes: como explicar que as observações dos astrônomos confirmavam o movimento dos planetas em diferentes velocidades, direções e graus de luminosidade e de outro lado a cosmogonia aristotélica que ditava movimentos em círculos perfeitos em torno da Terra central e imóvel. Ptolomeu conseguiu explicar com o seu esquema: deferente-epiciclo, acrescentando depois a explicação dos excêntricos, epiciclos menores e equantes. Seu complicado modelo de círculos combinados foi a primeira descrição sistemática de todos os movimentos celestiais, sustentando-se por todo o período clássico e era medieval, orientando a visão científica, religiosa e filosófica do Ocidente por boa parte dos quinze séculos que se sucederam.

A Astrologia

A necessidade de compreender a Astrologia estimulou a evolução da Astronomia e as duas disciplinas formaram um só campo científico de estudo, da era clássica em diante, atravessando o Renascimento - recebendo grandes contribuições de Ptolomeu.

A precisão dos cálculos astronômicos permitia que astrólogos helênicos fizessem previsões sobre as grandes coletividades - nações impérios - e com relação a pessoas. Tanto platonistas como aristotélicos buscaram meios para explicar a influência dos

astros nos fenômenos terrestres.

Com o surgimento da perspectiva astrológica acreditou-se que a vida humana fosse regida por um destino determinado pelas divindades celestiais, segundo o movimento dos planetas que a Humanidade poderia conhecer.

Durante a era helenística a Astrologia tornou-se o único sistema que transcendia os limites da Ciência, da Filosofia e da Religião e foi adotado por estóicos, platonistas e aristotélicos, astrônomos matemáticos, físicos-médicos, esotéricos herméticos e membros de diversas religiões de mistério.

Para os estóicos gregos e romanos a astrologia era o melhor método para interpretar a vontade cósmica e alinhar a vida da pessoas à razão divina, sendo muito compatível com a sua filosofia. Já as religiões de mistério adaptaram e acrescentaram a Astrologia para que ela fosse então por eles empregada. Os platonistas, por sua vez, tendiam a considerar as configurações celestes mais como indicadoras do que como causas - e não determinantes - para o indivíduo. De qualquer forma, dominava a crença de que os movimentos planetários possuíam um significado inteligível para a vida humana.

O Neoplatonismo

Durante os vários séculos que se seguiram à morte de Platão, uma corrente contínua de filósofos desenvolveu seu pensamento concentrando-se em aspectos metafísicos e religiosos, amplificando-os. Culminando, durante o século III d.C., na obra de Plotino, que integrou um elemento mais místico ao plano platônico e alguns aspectos do pensamento aristotélico, na teoria " neoplatônica".

O Cosmo neoplatônico resultava de uma divina emanção do supremo Um - ou Bem - que produz o " outro" - o Cosmo criado em toda sua diversidade, sendo que esse primeiro ato criativo vem a partir do intelecto divino - Nous , onde estão as Formas ou Idéias arquetípicas. Do Nous vem a Alma do mundo que é a fonte das almas de todos os seres vivos e constitui a realidade intermediária entre o Intelecto espiritual e o mundo da matéria. Assim, essas gradações constituíam-se em distintos níveis de existência presentes em todos os seres e coisas.

O Homem tem o potencial acesso à esses reinos superiores do intelectual e espiritual, embora dependa da libertação da materialidade. Ele pode ascender à consciência da Alma do Mundo e daí ao Intelecto universal. O filósofo deve superar a escravidão humana ao reino físico por meio da autodisciplina e purificação moral e intelectual e voltar-se para o interior, numa gradual ascensão de volta ao Absoluto.

Plotino assim articulou uma metafísica racional e idealista minuciosamente coerente. Tanto o neoplatonismo como a Astrologia, resultavam da interpretação e do entrelaçamento de formas do pensamento grego com os impulsos culturais não-helênicos.

A civilização helenista foi notável mais por sua diversidade do que por sua força, mais pela manutenção e aperfeiçoamento de realizações culturais do passado do que por dar origem a novas.

Roma

O florescimento da civilização, em Roma, ocorreu nos períodos da República e da Pax Romana, quando os romanos estenderam sua civilização por todo o mundo conhecido. Sem o qual, é improvável que a cultura clássica sobrevivesse - no Ocidente ou no Oriente - às pressões dos ataques posteriores de bárbaros e orientais.

No entanto, o esplendor cultural de Roma era uma imitatio - inspirada - da glória da Grécia e aos poucos experimentou um processo de declínio nas diversas áreas, com a atividade militar e comercial separada de motivações mais profundas, a atividade científica reduzida, assim como a literatura e a fé no progresso humano desaparecendo nos últimos séculos do Império Romano. Além de outros fatores como: um governo opressivo, generais ambiciosos, as incursões e invasões dos bárbaros, uma aristocracia decadente, correntes religiosas que corroíam a autoridade imperial e militar, uma inflação drástica, doenças pestilentas e a população reduzida e sem capacidade de recuperação ou adaptação.

A Emergência da Cristandade

Em meados do "milênio da civilização romana", ergueria-se um quadro novo para a religião e para o pensamento ocidental como um todo, iniciando-se com a vida e as lições de Jesus Cristo - Senhor e Salvador do Mundo -, cuja mensagem inspirou a muitos. Tendo Paulo de Tarso como o seu grande missionário - e curiosamente também o seu grande oponente no passado, quando julgou tratar-se de uma seita herética - o movimento tomou força e espalhou-se - Ásia Menor, Egito, Grécia e Roma - constituindo-se como Igreja universal.

O cristianismo respondia ao desejo crescente das pessoas para encontrar o sentido da vida, o que tanto as religiões de mistério, como cultos públicos, sistemas esotéricos e escolas filosóficas não faziam mais, e, após períodos de implacável perseguição por parte do Estado romano, emergiu como vitorioso.

Um ponto importante nesse processo foi a conversão do imperador Constantino que empenhou-se na propagação do cristianismo, tornando-a religião oficial do Império Romano no final do século IV.

A religião cristã e as invasões bárbaras transformaram o mundo clássico e implantaram seus próprios valores na base da cultura clássica. Povos germânicos e Igreja Católica Romana estruturaram, durante o Medievo, toda a cultura que daria origem ao Ocidente Moderno, com o cuidado de integrar o seu legado cultural, o que foi feito através dos mosteiros e universidades.